

DEPOIMENTOS

FRANK USARSKI

Ele queria ser arqueólogo, foi guia turístico na Ásia, estudou Pedagogia e especializou-se em Ciência da Religião. Entre 1988 e 1992 lecionou na Universidade de Hannover, e entre 1992 e 1997 na Universidade de Erfurt. Na mesma época deu cursos nas universidades de Bremen, Oldenburg, Leipzig e Chemnitz. Em 1998 foi escolhido pela CAPES como professor visitante do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Nesta entrevista o professor Frank Usarski fala sobre sua formação e sua experiência no exterior e no Brasil.

Qual a sua formação acadêmica?

Tenho sobretudo uma formação em Ciência da Religião. Na Alemanha usamos o singular para expressar bem a autonomia da disciplina. Além disso estudei Sociologia e Pedagogia. Comecei a estudar na Universidade de Hannover com Peter Antes, especialista em islamismo, um talento extraordinário em línguas e um dos cientistas alemães mais reputados no campo da Ciência da Religião. Suas introduções às grandes religiões do mundo foram tanto informativas quanto divertidas, simplesmente brilhantes! Mediante seus cursos compreendi o valor do conhecimento histórico e a necessidade de sistematizar este saber para cumprir nossa tarefa “clássica” de comparação dos fenômenos religiosos.

Minha opção por estudar adicionalmente Sociologia foi decisivamente provocada por Hubert Seiwert, Ele é sinólogo com interesse em Ciências Sociais, e destaca a produtividade contínua da História da Religião. Diante disso, uma concentração somente nos séculos passados e nas culturas orientais não é suficiente para uma disciplina que merece desempenhar papel significativo no campo acadêmico contemporâneo. Hubert Seiwert influenciou-me bastante a respeito de uma formação teórica. Como consequência tornou-se meu orientador no doutorado, que tem um enfoque sociológico.

Foram sobretudo razões práticas que me levaram aos seminários de Pedagogia. Na época em que eu estudava Ciência da Religião, novos programas escolares foram

lançados por alguns governos estaduais na Alemanha. Devido ao número crescente de alunos sem nenhuma filiação religiosa definitiva, os órgãos governamentais responsáveis decidiram oferecer uma alternativa ao ensino religioso tradicional. Em outras palavras, os cursos comuns projetados por teólogos e sob a direção política, seja da Igreja Católica ou da Igreja Protestante, foram completados pela inclusão de uma disciplina “neutra”. Dependendo de cada região essa cadeira alternativa tem sido chamada “Ética” ou “Conhecimento de Religiões”. Neste contexto o ensino sobre as grandes religiões do mundo tem desempenhado um papel importante. A partir do lançamento destes programas era previsível que em pouco tempo uma nova tarefa prática viria para a Ciência da Religião, pois seria necessário formar professores escolares qualificados nas várias universidades. Esta previsão confirmou-se. Nos anos seguintes recebi ofertas de algumas universidades para oferecer seminários em Ciência da Religião, nos departamentos de Pedagogia, como professor temporário. Além disso foi a combinação entre Ciência da Religião, Sociologia e Pedagogia que me abriu caminho para trabalhar secundariamente como guia turístico nos países da Ásia, como Índia, Paquistão e Myanmar (antiga Birmânia). Cada uma dessas regiões me estimulou muito para estudar a maneira como o hinduísmo, o islamismo e o budismo se manifestam no cotidiano e determinam uma construção das “realidades sociais” dos povos correspondentes.

Como e quando se iniciou o seu interesse pelo estudo dos fenômenos religiosos?

Quando eu era criança quis tornar-me um arqueólogo. Mais tarde minha “paixão” pela cultura da Índia motivou-me a estudar mais sobre ela. Razões econômicas não me permitiram, e até hoje essa disciplina não está na agenda da universidade de minha cidade natal, Hannover. Comecei em Ciência da Religião, em Hannover, sabendo que esta formação poderia satisfazer minha curiosidade histórica e meu interesse pela Ásia. Foi também o “clima” das décadas de 60 e 70, com um interesse crescente por religiões alternativas, que me sensibilizou para a relevância persistente das questões religiosas, sob as condições de uma pluralidade crescente das ofertas não-cristãs. Ao mesmo tempo fiquei chocado com a reação hostil ou até mesmo histórica de grande parte da sociedade alemã contra os novos movimentos religiosos. Nesta época havia uma campanha em

todos os níveis, liderada por representantes das igrejas, sobretudo da Igreja luterana, mas em cooperação com instâncias estaduais e até mesmo com o governo da Alemanha. A respeito desse período, pesquisas internacionais mostraram que a situação na Alemanha Ocidental era extraordinária e não comparável a nenhum outro país. Quando comecei estudar, todo mundo tomava parte nesta discussão pública. Somente os cientistas da religião, além de poucas exceções, ficaram quietos. Não entendi isso, porque ali foi a chance de provar a importância atual de nossa disciplina e demonstrar que nossa abordagem é capaz de acalmar uma disputa ardente ao oferecer interpretações mais amplas. Buscando uma explicação adequada descobri a importância dos conceitos sociológicos que fazem parte do chamado “paradigma interpretativo”. Decidi escrever minha tese de doutorado com este fundo teórico e escolhi a labeling approach, isto é, uma abordagem da sociologia do comportamento irregular, para lançar uma crítica profunda à discussão pública sobre novas religiões na Alemanha.

Você nos contou sobre a importância de seu curso em sua formação acadêmica. Poderia nos falar mais sobre ele?

Quanto à amplitude das ofertas de seminários, a época em que eu estudava era bastante favorável. Apesar de ter sido um programa pequeno, porque era representado só por dois professores, pude estudar no decorrer de uma formação de pelo menos oito semestres os fenômenos religiosos mais relevantes do mundo. Como na Alemanha os professores titulares são obrigados a oferecer quatro seminários por semestre, havia uma divisão de trabalho entre Peter Antes e Hubert Seiwert. Ambos davam vários cursos sobre História, Teoria e Metodologia da Ciência da Religião, bem como sobre o hinduísmo e o budismo. Além disso, Peter Antes, que é orientalista e doutor em Filosofia e em Teologia Católica, concentrava-se nos cursos sobre religiões monoteístas. Ao mesmo tempo tem sido um dos seus grandes méritos ter destacado o lugar próprio da Ciência da Religião na vida universitária. Embora pessoalmente ele tenha tido boas relações com teólogos de qualquer orientação, como o presidente da Deutsche Vereinigung für Religionsgeschichte (Associação Alemã para a História da Religião) e membro da presidência da International Association for the History of Religions, vem defendendo a autonomia de nossa disciplina, especialmente em comparação com a Teologia. Como professor, tem insistido na “pureza

metodológica”, instruindo seus estudantes a não confundir um interesse acadêmico, com uma atitude de “provar” implicitamente a superioridade do cristianismo com relação a outros sistemas e crenças.

Hubert Seiwert, sinólogo e doutor em filosofia, com um interesse específico nas mudanças religiosas nos países do Ocidente, ofereceu em primeiro lugar seminários sobre as religiões do Extremo Oriente, isto é, sobre as religiões da China e do Japão, e cursos teóricos na área da Sociologia da Religião. Depois da defesa da minha tese de doutorado, ou seja, entre 1988 e 1992, fiz parte deste programa como professor. Completei a agenda com cursos próprios, como sobre novas religiões e História da Recepção das Religiões Orientais na Europa e América do Norte. Hoje a situação em Hannover me parece mais difícil. Logo antes da reunificação das Alemanhas, meu contrato com a universidade terminou e depois da queda do muro comecei a ensinar Ciência da Religião no departamento de Filosofia em Erfurt. Hubert Seiwert também se mudou para a Alemanha Oriental tornando-se professor catedrático no famoso Instituto de História da Religião da Universidade de Leipzig. Por razões financeiras a função prevista no quadro de funcionários em Hannover, ocupada por Hubert Seiwert, foi extinta pelo governo. Isto deixou uma lacuna no pessoal. Peter Antes conseguiu compensar esta falta com a ajuda de Hubert Kost, pastor luterano e especialista em religiões antigas, que ministra aulas no programa. Há outros cursos oferecidos por professores e eruditos, como o rabino da comunidade judaica local, com contratos temporárias com a universidade.

Qual é sua avaliação do programa em Hannover?

O programa de Hannover, em minha opinião, tem sido um dos mais auspiciosos na Alemanha. Isto é consequência indireta da localização da Ciência da Religião dentro de uma universidade que não tem nenhuma disciplina orientalista em sua agenda. Do ponto de vista clássico da Ciência da Religião isto é uma grande desvantagem, porque falta a possibilidade de estudar, por exemplo, sânscrito, árabe, tibetano, chinês ou japonês, quer dizer, uma língua vinculada com uma das grandes tradições religiosas mundiais. Por outro lado, vem sendo exatamente esta situação que constantemente forçou os representantes

do programa a lançar projetos de pesquisa que são nitidamente vinculadas com fenômenos atuais e com a história europeia da religião.

Como é a estrutura do Programa?

Seguindo Joachim Wach, um dos “pais” de nossa disciplina, a Ciência da Religião tem classicamente dois ramos: o ramo histórico e o ramo sistemático. A história fornece-nos os dados de todas as religiões, e a sistematização tem a tarefa de comparar os dados.

Neste contexto, e quase como um resultado de uma divisão de trabalho entre a Teologia e a Ciência da Religião na Alemanha, há uma preferência pelas religiões não-cristãs, as grandes tradições como o budismo, islamismo e hinduísmo. Isso serve também para entender fenômenos mais vinculados com a história europeia e a situação atual na Alemanha. Por exemplo: o confucionismo foi importante para os filósofos franceses na época do Iluminismo. Na Europa o Zen e outras formas do budismo são bem populares, e nas grandes cidades da Alemanha ocidental o islamismo faz parte do cotidiano devido aos três milhões de turcos.

A nova geração de cientistas tem mais interesse em novos fenômenos religiosos mais influenciados pelo fenômeno de multiplicidade e por novas filiações em grupos que o legitimam.

E as religiões africanas?

Não há nada. Na Universidade de Marburg, são estudadas um pouco mais. Já a situação religiosa da América Latina não é muito bem conhecida. Esse foi um dos motivos para aceitar o convite para trabalhar na PUC.

Conte-nos sobre o papel das mulheres...

Existe um contínuo no contexto da religião feminina. À margem da instituição, mas ainda dentro da Igreja, existem grupos feministas que seguiram a Teologia, mas tentam “humanizar” os ensinamentos, e o fazem um pouco influenciados pela nova era. Por outro lado, baseiam-se em sociedades mais arcaicas, revitalizando os ritos celtas, germânicos e druídas, isto é, uma contracultura, pois esta religiosidade é contra-cristã.

Mulheres que fazem parte destes grupos combinam elementos das religiões mencionadas na busca de uma identidade feminina. Encontram-se em lugares

caracterizados como “sítios das religiões pagãs”, praticam ritos, chamam-se de bruxas. Algumas são consideradas líderes sábias, a respeito, por exemplo, da relação corpo-mente.

Mulheres que são cientistas da religião estudam estes novos fenômenos religiosos. Uma delas é Edith Franke, colega de Hannover, trabalhando no programa de lá, na base de um contrato temporário.

Ela foi formada na Universidade de Bremen, um dos centros do feminismo na área acadêmica. Quanto ao Instituto da Ciência da Religião nesta cidade, há muito que mulheres cientistas têm desempenhado um papel visível. É evidente que o número de professoras da Ciência da Religião está crescendo nos últimos anos na Alemanha, mesmo que este campo ainda permaneça com um domínio masculino.

Qual é sua posição quanto à metodologia da Ciência da Religião?

No Simpósio dos docentes, no primeiro semestre de 1999, minha apresentação foi sobre as contribuições de Kurt Rudolph em relação às questões metodológicas relativas à Ciência da Religião. Ele representa uma corrente abrangente dentro da Ciência da Religião contemporânea na Alemanha. Rudolph posiciona-se criticamente contra a fenomenologia da religião.

A preocupação refere-se aos problemas metodológicos a respeito da impossibilidade de objetivar o sagrado que é uma entidade extra-empírica. Para os críticos da fenomenologia é oportuno aceitar nossas limitações e eliminar quaisquer especulações sobre uma dimensão da vida, cuja existência, mesmo que seja acessível intuitiva ou emocionalmente, não pode ser captada por meios que são considerados legítimos pela ciência.

Neste sentido Rudolph destaca a necessidade de tratar as religiões como fenômenos históricos e sociológicos. Foi formado numa época de intensificada crítica dos métodos e da veemente rejeição da fenomenologia da religião, e não encontro grandes problemas em seguir as ideias do Kurt Rudolph. Mas estou consciente que há outras constelações institucionais e outras heranças intelectuais que produzem outras preferências.

Que semelhanças e diferenças você pode nos apresentar entre Alemanha e Brasil com relação à formação?

Quanto à formação na Alemanha você combina duas disciplinas de sua escolha nas mais diferentes variações. Uma disciplina principal e outra secundária. A primeira disciplina é seu foco e deve ter mais créditos e mais provas orais. A segunda disciplina tem um aspecto complementar, Em geral estas combinações são feitas entre a Ciência da Religião e Sociologia, História ou Ciência da Política.

Quanto à Ciência da Religião, se por um lado você tem uma grande liberdade de escolher, por outro você pode se perder por causa dessa liberdade.

Não há uma obrigação de se matricular num curso técnico. Há a possibilidade de estudar esta matéria através de livros, e a maioria faz isso.

Acho que a diferença predominante consiste nas condições dos estudantes. Na Alemanha quase todas as universidades são instituições públicas. Na maioria dos casos o direito de acesso é só uma questão do certificado de conclusão do curso secundário. Problemas financeiros têm menos importância. Aqui no Brasil a situação é evidentemente mais difícil. Tenho um grande respeito por todos aqueles que vencem seus obstáculos cotidianos e no fim conseguem terminar sua dissertação de mestrado!

O que exigiu uma adaptação às circunstâncias foi o padrão da orientação das dissertações. Acho que a relação intensiva entre candidato ou candidata com seu orientador ou sua orientadora é uma coisa muito boa. Na Alemanha há menos contatos individuais entre os professores e os estudantes. Pode acontecer que normalmente um candidato ou uma candidata só se encontre com o orientador nos seminários e para fixar o tema, assim o alunado trabalha mais ou menos independentemente. Não que um contato intenso seja inoportuno. É simplesmente uma consequência do clima impessoal nas universidades alemãs, provocado pelo grande número de estudantes em relação ao corpo docente. Isto tem como consequência que muitos alunos e alunas desistem ou demoram para terminar sua formação. Além deste problema há outro, que diz respeito ao fato de que aqueles que têm êxito não têm garantia de sobreviver profissionalmente, numa época caracterizada por alto grau de desemprego, também no campo acadêmico!

Como está sendo sua experiência no Brasil?

Depois que fui escolhido pela CAPES e pelo seu correspondente alemão, o DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), como professor visitante da PUC-SP, tive a chance de visitar São Paulo em dezembro de 1997 para conhecer minha universidade anfitriã e as condições locais. Voltei muito feliz para a Alemanha porque estive absolutamente certo de que este posto de trabalho, que começaria a partir de março de 1998, seria uma das tarefas mais fascinantes da minha vida. Hoje posso dizer que faço parte de um programa bem-organizado, sob uma coordenação competente e cordial, com um corpo docente erudito e muito simpático, numa atmosfera de cooperação e de amizade. Recebi recentemente uma carta do DAAD respondendo a meu primeiro relatório anual, informando-me que minha situação é privilegiada em relação a outros professores visitantes alemães em outras universidades brasileiras. Acredito nisso!

Naturalmente houve também momentos difíceis e frustrantes, especialmente por causa de problemas devido à língua, que não combinam com minha atitude perfeccionista. Por outro lado, eu não conheço nenhum povo tão tolerante e solícito como o brasileiro. Com certeza é mais fácil alguém se integrar aqui do que em outros países.

Tudo isso facilita minha pesquisa sobre a recepção das religiões orientais no Ocidente, especialmente no Brasil, e sobre aspectos que são colocados sob a categoria da "nova religiosidade". Percebi, entre outros fatos, que faltam estudos sistemáticos sobre o budismo ou o islamismo neste país. Pretendo trabalhar com estes assuntos. Por causa das discussões construtivas no meu seminário, também voltei a um plano que está na minha cabeça desde anos, isto é, a ideia de escrever um livro sobre as condições epistemológicas de uma investigação sobre os novos movimentos religiosos do ponto de vista da Ciência da Religião. Acho uma vantagem que algumas das teses que vou acompanhar como orientador nos semestres seguintes estejam diretamente vinculadas com meus próprios interesses científicos. Acabei de combinar com um candidato uma tese sobre a história do Baha'i no Brasil, e com uma outra candidata um trabalho sobre o novo movimento religioso chamado "Projeto Portal".